**Cultura Digital: Formação de Professores da Infância**

*Sandra Cavaletti Toquetão[[1]](#footnote-1)*

 **EIXO TEMÁTICO:** Formação de professores e educadores de infância

**RESUMO**

Esta pesquisa discute como são produzidas as narrativas digitais multimodais na escola e seu potencial na formação de professores na educação infantil. O aporte teórico fundamenta-se na teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky e na metodologia de Pesquisa Crítica de Colaboração, a qual visa criar relações entre os participantes para a produção de conhecimentos críticos. Por conta do foco crítico-colaborativo, os resultados influem na desconstrução do senso comum sobre as produções audiovisuais para produzir novos significados compartilhados.

Palavras-Chave: Narrativas Digitais; Infância; Tecnologias; Formação de Professores

**Introdução**

As tecnologias e mídias digitais estão presentes no cotidiano das crianças, pois nossa sociedade é intensamente permeada por artefatos tecnológicos e novos meios de comunicação que transformam o significado das relações e os hábitos sociais. Sendo assim, novos desafios surgem na escola e aumenta a preocupação com o uso de tecnologia digital na infância. A curiosidade e facilidade das crianças bem pequenas com tablets e câmeras fotográficas nos levam a problematizar o uso de tecnologias na educação infantil e entender como é este brincar que acontece entre computadores, equipamentos digitais, massinhas, natureza, tintas, areia, giz de cera e lápis de colorir.

Novos objetivos surgem na educação como o de transformar este excesso de informação em conhecimento, de conviver com os meios de comunicação e, principalmente, desenvolver uma atitude crítica e colaborativa em relação a tecnologia para interpretarem o mundo por si mesmos, formando e compartilhando seu ponto de vista. Sabe-se que é na relação com o outro e com a cultura que as crianças adquirem e dão forma às infinitas possibilidades de aprendizagem. Ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais vêm contribuindo no processo de interação das crianças, a preocupação se volta ao excesso do uso, a qualidade da experiência e à organização da atividade, uma vez que elas vivenciam as tecnologias e também são público-alvo de diferentes formas de violência simbólica que a mídia transmite (MULLER; FANTIN, 2014).

Rinaldi (2017) apresenta inúmeras possibilidades do uso pedagógico das tecnologias pelas crianças em diferentes produções, dentre elas, o envolvimento de professores e crianças na construção de portfólios com suas diferentes formas de registros. A autora destaca as formas de aproximação das crianças com os diferentes objetos da cultura pela mediação do professor e das tecnologias incluídas em seu planejamento. Nesse processo, a criança constrói e elabora significados a partir da relação com materiais e mídias. Segundo Muller e Fantin (2014, p. 5) “[...] é importante inseri-las no ambiente educacional com os demais materiais, para além do uso das ‘salas informatizadas em horários fixos e pré-determinados.”

Na educação infantil, observam-se produções audiovisuais narrativas em diferentes momentos para registrar a prática pedagógica, elaborando um material de investigação ainda é pouco explorado como recurso para a formação docente. Nesses registros usam-se cada vez mais computadores ou os recursos dos modernos celulares para produzir textos com imagens que se transformam em documentos digitalizados e revelam muito mais que fatos. De acordo com Mello, Barbosa e Faria (2017), as narrativas contêm significados teóricos que poderiam desenvolver estudos e aprofundamentos além da experiência concreta. Envolvem a identidade atribuída, a autenticidade, olhar sensível sobre a experiência trazida e a história que o próprio professor-autor quer contar de acordo com seus valores.

A narração digital – histórias e experiências vividas e construídas pelas crianças - usa as novas linguagens integradas: som, movimento e animação e permitem novas maneiras de falar sobre as próprias experiências na escola. (GANDINI apud MULLER; FANTIN, 2014). A documentação pedagógica é um instrumento para coletar memórias, intenções, registrar processos e resultados de aprendizagem das crianças. Este material assume diferentes formas como relatórios, portfólios, narrativas digitais ou mídias, digitais ou não, como: desenho, esculturas, maquetes, fotos, música e vídeos. São registros da prática pedagógica que retratam histórias vividas. Sabe-se que a documentação pedagógica cumpre o papel de organizar o trabalho do professor de uma forma mais interativa. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) apontam para a utilização de múltiplos registros dos processos de aprendizagens das crianças.

As marcas multimodais nas narrativas evidenciaram as pretensões comunicativas e, sobretudo, contribuíram para a elaboração de significação no planejamento do professor. As pesquisas evidenciaram a necessidade de estabelecer um caminho para a formação, que permita articular o conhecimento novo a ser incorporado, nesse caso tecnologias digitais, com as experiências e conhecimentos já adquiridos pelo professor durante sua profissionalização. Ao analisar a documentação pedagógica na educação infantil, pode-se perceber uma maior visualização das vozes e opiniões das crianças como sujeitos ativos no processo de aprendizagem. A documentação pedagógica reflete o currículo da infância, por isso é um indicador importante quando se analisa a qualidade da educação.

As diferentes concepções que permeiam a educação infantil se movimentam como um grande pêndulo perpassando as diferentes teorias conforme o momento histórico social das políticas públicas. A documentação pedagógica contribui para compreender a criança e seu processo sócio-histórico-cultural, reconhecendo as diferenças individuais dentro da influência do ambiente em que ela se desenvolve. A análise de algumas modalidades de documentação pedagógica permite que o professor observe, interprete e reflita sobre seu planejamento. Essa prática pode constituir-se como objeto de reflexão e revelar especificidades do trabalho do professor.

A socialização da documentação digital também pode constituir-se como um momento privilegiado de reflexão entre os professores sobre as práticas realizadas e as concepções que as fundamentam. Sendo assim, a narrativa digital multimodal apresenta-se, neste texto, como uma forma de registro no qual o professor e as crianças assumem uma autoria expressando seu pensamento efetivo. À medida que expõe as ações por meio de fotos e vídeos, desvela também seu ponto de vista, emergindo sentimentos e trazendo para a discussão o que foi vivido e praticado. Quando expõe as narrativas digitais para compreender a leitura da realidade a partir da visão do outro também amplia a compreensão e a sua própria visão.

**Desenvolvimento**

Ao observar o contexto onde a pesquisa seria desenvolvida, analisou-se que os professores utilizavam os recursos audiovisuais, e especialmente o registro fotográfico, somente para documentar seus projetos da escola. Cada classe possui um projeto de turma diferente, com a culminância em vários eventos: pesquisas, rodas de conversa, visitas da comunidade na escola, passeios, apresentações artísticas e outras diferentes possibilidades. Os alunos, professores e até mesmo os pais mostram-se muito motivados para participar com ideias na seleção ou do próprio processo do tema. O contexto desta pesquisa ocorreu no horário de estudo coletivo dos professores de uma escola pública municipal de educação infantil na capital de São Paulo. A escolha da unidade escolar é decorrente de seu projeto pedagógico ter por foco as narrativas multimodais. Nessa escola há uma ampla documentação com registros digitais das práticas pedagógicas. Assim, é uma prática comum cada turma produzir um vídeo apresentando seu projeto de investigação. Este estudo teve como princípio metodológico a Pesquisa Crítica de Colaboração, de Magalhães (2009), para transformar o contexto escolar, segundo a qual, por meio de várias vozes, os professores participantes criam relações colaborativas na produção de conhecimentos críticos sobre as bases teóricas das práticas escolares.

Tradicionalmente, é notório um isolamento docente em seu local de trabalho. Os professores raramente se apoiam e reconhecem o trabalho do outro. É raro um professor observar a aula de colegas e realizar análise e reflexão coletiva. Pretende-se aqui modificar este isolamento e propor uma formação na qual se possa compartilhar as experiências vivenciadas, refletidas e produzidas com tecnologia digital para construir significados aos recursos audiovisuais, trazendo novas necessidades e ações às experiências na educação infantil. Nesta perspectiva a pesquisa aborda a formação crítica e colaborativa de educadores, foco das pesquisas de Liberali (2015), sobre argumentação-colaborativa na produção criativa de novos significados, em atividades coletivas, como um processo contínuo de constituição de si e do outro. O foco aqui apresentado está na ruptura do senso comum das produções audiovisuais para (re)organizar as práticas pedagógicas permeiam a ação dos professores.

O primeiro encontro formativo para o desenvolvimento da pesquisa organizou-se em torno de questões com as seguintes categorias: formas de utilização dos registros, mecanismo de produção dos registros, relação com a prática docente e contribuições na formação de professores. Algumas questões foram selecionadas para análise neste artigo. A intenção foi que os professores se organizassem para transformar os registros das práticas, projetos e portfólios de alunos em um objeto de estudo: as narrativas digitais. Essas reflexões proporcionaram o resgate da história da documentação pedagógica na escola, incluindo os registros criados pelo professor ou as modificações realizadas por eles para dar sentido e adaptar à sua prática; Segue abaixo o excerto da primeira questão:

As modalidades de registros encontradas na escola foram: diário de classe; semanário; portfólio do aluno; relatório descritivo individual e coletivo; fotos e vídeos das atividades das crianças; sondagem; diário de bordo para comunicação entre professores; registros de estudos coletivos; caderno de planejamento do professor; caderno de observação das crianças; encaminhamentos para equipe de saúde e produções da criança. Esses registros possuem diferentes sujeitos e são para diferentes interlocutores. É preciso deixar claro para quem são os registros, quem são os destinatários das produções realizadas e assim, descobrir a funcionalidade dos registros para a escola. Nas respostas coletadas com a questão abaixo, observa-se que as professoras não têm muita clareza sobre a função de cada registro. Foram respostas mais genéricas e de senso comum agrupando os diferentes tipos de registro.

Segundo as professoras, “as concepções estão presentes em toda ação pedagógica”, mas as repostas ficam vagas: “As concepções sobre educação infantil estão presentes nas produções das próprias crianças, na forma como são valorizadas”, como se realmente faltasse na formação destes professores um estudo teórico aprofundado. As professoras atribuíram sentido na produção, comprometeram-se com ela, mas não assumem seus posicionamentos. Nas respostas, a professora diz que registra o que considera mais importante, afirma que o registro é um filtro por onde passa o que tem a ver com sua concepção. Na fala de outra professora, percebe-se que o registro é revelador de práticas e concepções, em que os projetos evidenciam as concepções de criança e infância conforme se direcionam as experiências a serem exploradas.

Na análise das questões, vale ressaltar que em apenas uma resposta, a professora fez a proposta de convidar as crianças para produzirem seus registros e participarem do processo de documentação pedagógica, propondo uma participação maior da criança nas produções e, portanto, ligada a concepção de perceber a criança como sujeito sócio-histórico-cultural que produz e influência sua cultura. Ao apresentar as crianças como ativas e participantes, quando comenta que podem participar do processo manejando os equipamentos, desenhando ou produzindo narrativas orais, a professora reconhece a criança como produtora de cultura.

Nas respostas das professoras, a fotografia digital já está incorporada nas práticas de registro. Após essa fase inicial de desconfiança e rejeição, a tecnologia começa a fazer parte das atividades sociais da linguagem e a escola acaba por incorporá-las em suas práticas pedagógicas. Qualquer inovação educacional só se torna válida quando começa a proporcionar a interação e a negociação de seu significado. Dessa forma, ao analisar como as professoras utilizam as mídias digitais na sua rotina, observa-se o quanto estão disponíveis para refletir sobre sua própria prática. As narrativas digitais multimodais são utilizadas pelas professoras como recorte de sua prática e tornam-se elementos de interlocução com a comunidade escolar. É considerada como documento para dar visibilidade aos processos de ensino e aprendizagem.

As professoras afirmam que a mídia digital garante a reflexão de sua ação, porém não há sugestão de reflexão sobre a produção do outro. As professoras mostraram-se disponíveis para fotografar, gravar, documentar ou qualquer outra forma de promover a sua prática. Contudo, não se encontram nas respostas das questões, a sugestão de compartilhar sua produção para uma análise aprofundada de sua prática, com o olhar do outro colega e não só uma divulgação de seu próprio trabalho. Liberali (2006) sublinha que as experiências compartilhadas servem de base para a formação de elementos essenciais à atividade criativa de cada um, formando um ciclo criativo. As participantes demonstram interesse em avançar com o registro fotográfico, observa-se assim um campo para criar as narrativas digitais como um objeto compartilhado e para desenvolver estudos sobre suas práticas pedagógicas.

**Considerações Finais**

A reflexão desta pesquisa foi beneficiada pelo processo de desenvolvimento das narrativas digitais utilizadas como objeto na formação, com foco crítico-colaborativo, incentivando a desconstrução do senso comum nas produções e produzindo novos significados aos recursos audiovisuais compartilhados. Considerando todo o processo de pesquisa, as narrativas digitais tornaram-se significativas e constituíram-se objeto de análise para outros grupos. Estes professores passaram a sentir-se motivados e desafiados, comprometendo-se ainda mais com os processos de registro da escola e incentivando outros professores a construírem sua documentação.

A narrativa digital multimodal é parte da documentação pedagógica de uma escola. Ela se diferencia de outros tipos de registros à medida que incentiva o processo de reconstrução da história da escola, da classe e da criança, pois o meio digital pode facilitar a edição. Assim é possível revisitar, ampliar, reprojetar para produzir as marcas das experiências vivenciadas. Outro ponto a destacar é que este registro digital favorece a memória, permitindo a construção de sentido, pois é possível registrar diferentes tempos, espaços e interações e não ocupa espaços físicos como de portfólios ou semanários guardados em armários ou arquivos mortos de escolas.

Ao final da produção de dados, a pesquisadora e os participantes puderam compreender que para que a documentação digital seja acessível e democrática, é preciso estar relacionada à escuta ativa e ao direito da participação das famílias e crianças. Sendo assim, incentivar o desenvolvimento de todas as linguagens das crianças, com experiências que ampliem seu repertório e propiciem o contato com a cultura de modo geral. Nesse sentido, é papel da escola discutir sobre o uso da tecnologia e assegurar tal direito, como forma de inclusão digital, social e cultural.

A produção digital fortalece o projeto político pedagógico tornando-o mais acessível. As documentações digitais podem ser compartilhadas em diferentes plataformas de comunicação divulgando as características da escola, a intencionalidade pedagógica, as concepções de infância, os processos de pesquisa dos projetos e a avaliação. Assim, permite criar ocasiões de debates e integração não só nos espaços físicos da sala de formação de professores, mas entre as crianças da mesma turma, entre outras turmas e turnos ou escolas. O debate pode ir além do espaço físico, pode gerar reflexões entre as famílias, secretarias de ensino de diferentes municípios, os ambientes virtuais ou presenciais que facilitam o confronto e o diálogo entre pontos de vista.

**Referências:**

Brasil, Parecer CNE/CEB Nº 20, de 11 de novembro de 2009. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 2009.

Liberali, Fernanda Coelho. **A formação crítica do educador na perspectiva da Linguística Aplicada**. In: Rottava, Lucia; Santos, Sulany Silveira dos. (Org.). Ensino/aprendizagem de Línguas: língua estrangeira. 1ª edição: Editora da UNIJUI, 2006, v. 1, p. 15-34.

\_\_\_\_\_\_\_\_, Fernanda Coelho. **Formação crítica de educadores: questões fundamentais**. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. vol. 8. Campinas, SP: Pontes Editores, 3ª edição, 2015.

Magalhães, Maria Cecília Camargo. **O método para Vygotsky: A zona proximal de desenvolvimento como zona de colaboração e criticidade criativas**. In: Schettini, Rosemary Hohlenwerger; Damianovic, Maria Cristina; Hawi, Mona Mohamed; Szundy, Paula Tatianne Carrêra. (Orgs.). Vygotsky: Uma revisita no início do século XXI. São Paulo: Andross, 2009.

 Mello, Suely Amaral; Barbosa, Maria Carmen Silveira; Faria, Ana Lúcia Goulart de. **Documentação pedagógica: teoria e prática**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

Muller, Julian Costa.; Fantin, Monica. Crianças, múltiplas linguagens e tecnologias móveis na educação infantil. In: II Simpósio Luso-brasileiro em estudos da criança. Pesquisa com crianças: desafios éticos e metodológicos. Porto Alegre, 2014.

Oliveira; Zilma de Morais**. Creches: crianças faz de conta & cia**. 1992. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

Rinaldi, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2017.

1. Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP. Mestre em Educação: Formação de Formadores PUC-SP. Coordenadora Pedagógica da Prefeitura de São Paulo. E-mail: sandracavaletti@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)